

AS URGÊNCIAS DA DOCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE A SAÚDE MENTAL DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thanara Castro da Conceição¹
Allan Dellon Pereira Ferreira²
Anny Beatriz Cavalcanti Lima³
Sara Pereira dos Santos⁴
Betânia Maria Oliveira de Amorim⁵

RESUMO

As dinâmicas do contexto escolar passaram por amplas transformações devido a contextos políticos, culturais e sociais, desde as modalidades de ensino até a quantidade de responsabilidades que são atribuídas ao corpo docente. Dentro da realidade de professoras e professores do Ensino Fundamental e estudos apontam um grande aumento nos índices de esgotamento mental e necessidade de apoio emocional diante das condições de trabalho, estresse ocupacional e dificuldade de adaptação a novas rotinas. Para uma maior compreensão desse cenário realizou-se uma Revisão Sistemática com o objetivo de identificar quais são as discussões e intervenções realizadas acerca da saúde mental de docentes do Ensino Fundamental no contexto brasileiro, nos anos de 2018 a 2023. Para coleta de dados foi levado em consideração artigos publicados nas bases de dados SCIELO, LILACS e CAPES. Como resultados principais foi possível analisar que o contexto da docência tem sido gerador de sofrimento psíquico devido a pressões institucionais, sobrecarga de trabalho, agressividade dos alunos e desmotivação profissional. Além disso, foram encontradas um baixo número de intervenções de cunho psicossocial descritas nas pesquisas, que pudessem contribuir com a diminuição desses fatores de adoecimento, indicando a necessidade de implicação e trabalhos nessa área.

Palavras-chave: Docentes; Ensino Fundamental; Saúde Mental

INTRODUÇÃO

O cenário escolar é um espaço marcado por um alto grau de dinamicidade, desde a sua movimentação própria proveniente da transitoriedade dos públicos, até a diversidade de atores sociais que nele atuam. Ainda que seja necessário fragmentar algumas análises a fim de compreender melhor as problemáticas dos estudos propostos nas pesquisas, quando trata-se de

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UF, castrothanara@gmail.com;

² Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, allandellon134@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lima.annyb@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UFCG, sara.pereira04@gmail.com;

⁵ Doutora pelo Curso de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, betania.maria@professor.ufcg.edu.br.

um campo permeado pela presença de relações que extrapolam as meras concepções dualistas, técnicas e profissionais, há que se considerar uma gama de aspectos sociais, políticos e econômicos que dialogam entre si. Nessa perspectiva, pode-se destacar inicialmente como o contexto educacional no qual estamos inseridos pode transformar a realidade da organização escolar e a experiência dos atores e atrizes sociais que participam dela.

O campo da educação no Brasil sempre foi um lugar marcado por muitos entraves, mas também um lugar de esperança. Em outras palavras, um lugar de aposta, um meio para um fim. Denominar de campo é tentar percorrer pela sua polissemia, tentar abranger a variedade de estruturas que são necessárias para que as manutenções e urgências sejam pautadas. Dentro dessas estruturas, a escola ocupa um papel fundamental no processo de elencar e tornar palpável o que se espera, ou melhor, quais meios podem ser construídos para que seja um espaço de crescimento, diálogo e referência. No entanto, apesar de parecer ter uma finalidade estabelecida, existem muitas nuances que dificultam e modificam essa dinâmica.

Apesar de haver atualmente uma vasta discussão sobre esse termo “educação formal”, que segundo Gadotti (2005) ultrapassa os limites de estar em uma sala de aula, ainda não podemos dissociá-lo do processo de escolarização, que no Brasil vai ter um caráter histórico-político atravessado por muitas contingências e descasos. A dimensão cultural que se impõe dentro do contexto educacional em nosso país, coloca alguns atores em evidência já que a prática escolar ocorre no seio das organizações e tem modos instituídos de funcionamento que compartilham crenças e formas de agir (Baptista, 2019). Quando a escola se destaca como contribuinte importante para o desenvolvimento de um país, as professoras e os professores, por exemplo, não se tornam apenas mediadores de um ensino, mas é como se a elas e a eles estivesse entregue a chave que determina o bom futuro para uma nação.

Nesse sentido, pode-se pensar a docência como um campo multifacetado. Ao passo que é tomada como imprescindível, parece ser facilmente descartada enquanto categoria de trabalho. Em estudos realizados na década de 90 foi identificado uma crescente desqualificação e fragmentação no ato de ensinar, além do desprestígio social da ocupação (Fontana; Tumolo, 2008). Nesse processo, a atividade docente passa por precarizações de vários níveis e sofre um processo de proletarização que adquire novas formas e novos desdobramentos ao longo dos anos.

Na perspectiva trabalhada por Tardif e Lessard (2013) a docência não é apenas a realização de uma atividade, é também uma questão de *status* e essa identidade é uma construção social, histórica e política. Sendo assim, o lugar ocupado pelo professor também

está relacionado com um processo que é institucionalizado nas várias esferas sociais e vai demandar dele performances que atendam ao que socialmente foi construído acerca de sua profissão. Quanto a uniformidade dessa identidade, é importante ressaltar que haverá uma diversidade de performances, visto que cada docente irá se apresentar de pontos de partidas distintos, desde a formação, o interesse, singularidades e perspectivas que variam.

Diante do exposto, percebe-se que os processos políticos e subjetivos estão subjacentes à experiência docente. Corroborando com os estudos realizados na década de 90 sobre as condições de trabalho que os professores estão inseridos, Da Silva Barros e Gradela (2017) reforçam que esses profissionais realizam suas funções em ambientes físicos e psicologicamente inadequados, além da necessidade de conciliação das demandas em sala de aula com o trabalho que extrapola o expediente. A dificuldade de separar o trabalho formal do trabalho doméstico potencializou nos últimos anos, a demanda emocional dos alunos aumentou, o esforço para dar conta de questões que ultrapassam a esfera profissional se tornaram temas centrais dentro das escolas. Afinal, o que se atribui a docência que a torna esse campo tão polissêmico e ambivalente?

Em uma pesquisa realizada em 2018 pela Associação Nova Escola constatou-se que 66% dos professores já precisaram se afastar do serviço em decorrência de problemas de saúde acentuados pela rotina de trabalho. Em 2021, esse percentual aumentou em 13,7% devido à difícil adaptação ao ensino remoto imposto pela pandemia e ao excesso de atividades que precisavam ser realizadas fora do turno de trabalho, esta sobrecarga sendo acentuada pelo grupo de professoras. Dejours (1992) indica que o trabalho jamais será neutro em relação à saúde, podendo tanto favorecê-la quanto contribuir para o seu adoecimento. Dessa forma, as ambivalências do trabalho docente podem estar suscetíveis a maiores oscilações porque não estão relacionadas apenas a tarefa de “dar uma boa aula”, mas também se relaciona com um contexto macro que exige um compromisso ético-social decisivo na vida humana.

Oliveira et al (2020) em estudos sobre fatores que contribuem para o adoecimento mental de professores, destacou que baixos salários, desvalorização profissional e mau relacionamento interpessoal também compõem pontos de destaque nesse processo. Considerando a abundância das discussões e atualizações acerca do trabalho docente e suas múltiplas urgências, o presente artigo tem como objetivo identificar como as pesquisas sobre saúde mental de docentes do Ensino Fundamental estão sendo delineadas e quais os seus objetivos.

METODOLOGIA

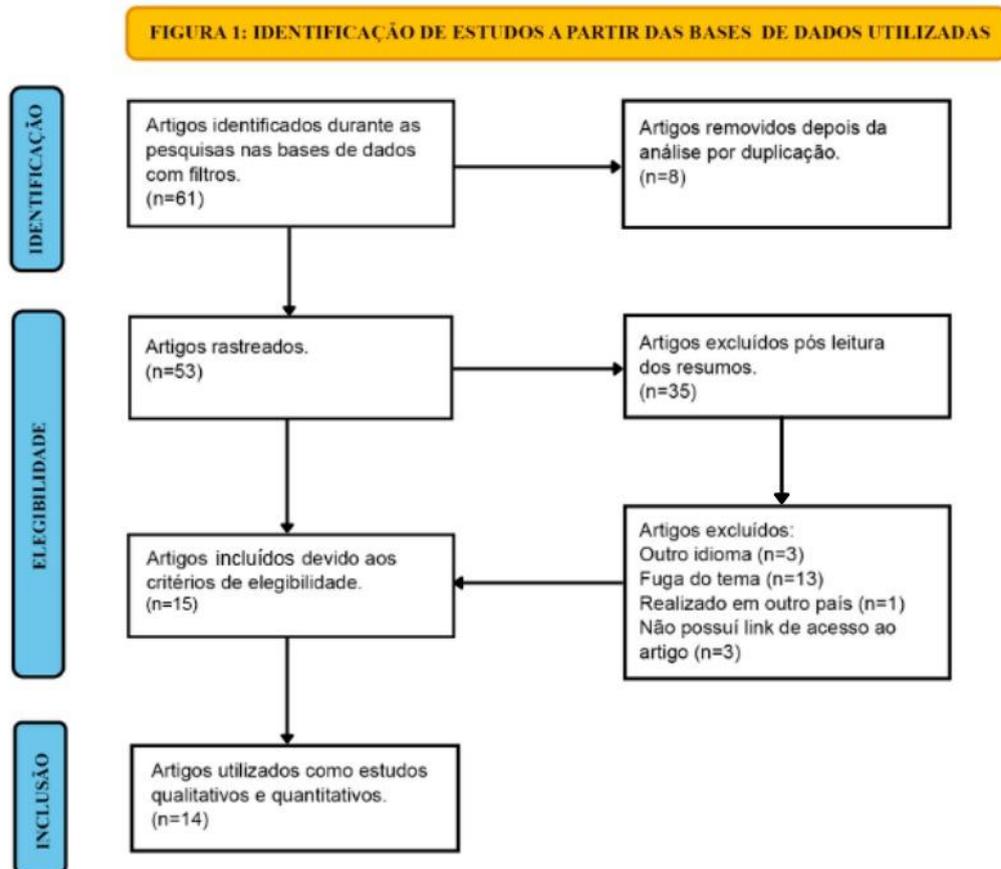
Trata-se de uma Revisão Sistemática da Literatura Científica baseada nas recomendações da Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), conhecido como Modelo Prisma. O prisma é um guia de investigação constituído por uma lista de 27 itens de checagem para controle dos dados, entre eles os critérios de elegibilidade, descrição de métodos e análises das pesquisas encontradas, para garantir qualidade e validação nas revisões (Page et al., 2021). Dentre as recomendações da utilização desse modelo para Revisões Sistemáticas, ressalta-se a sua importância na área da saúde humana, considerando a possibilidade da atualização de práticas e estudos no campo do cuidado em saúde e reformulações teóricas (Moher et al., 2009).

O primeiro passo foi a formulação da pergunta de pesquisa, que consistiu em identificar qual o panorama de estudos estão sendo realizados no campo da saúde mental de docentes do ensino fundamental no Brasil nos últimos 5 anos e quais são as causas de adoecimento psíquico que aparecem ou não nessas discussões. Os descritores utilizados para a busca de artigos foram docentes *AND* ensino fundamental *AND* saúde mental a fim de contemplar o maior número de estudos sobre a temática. As bases de dados consultadas foram SCIELO, LILACS e PERIÓDICOS CAPES. O período de pesquisa incluiu 61 estudos publicados entre 2018 e 2022 em Língua Portuguesa e a revisão foi realizada durante o período de 4 de maio a 10 de setembro de 2023.

Para inclusão dos artigos, foram empregados os seguintes critérios: artigos científicos realizados com docentes do Ensino Fundamental, com o tema central sobre a saúde mental dos professores e das professoras, no período dos últimos 5 anos, com texto disponível na íntegra. Foram excluídos os estudos em que os participantes eram docentes universitários e estudos em que a temática sobre saúde mental aparece de forma secundária.

Para a análise da amostra buscou-se identificar dentro dos estudos encontrados se existiam relações entre a caracterização sociodemográfica, o tipo de estudo, o número da amostra, o objetivo do estudo e o panorama de saúde mental nesse contexto que buscamos investigar. Após a leitura dos estudos, foram identificadas duas grandes temáticas que emergem no contexto de saúde mental dos docentes e buscou-se a partir delas fazer as inferências possíveis sobre a discussão pela qual passava a pesquisa e os seus desdobramentos

A figura 1 apresenta o prisma com as informações referentes a busca nas bases de dados :



Fonte Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ* 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos proporciona uma visão geral da produção científica encontrada entre os anos de 2018-2023 sobre a temática da saúde mental no contexto da docência. O tipo de pesquisa mais encontrada enquadraram-se nos estudos quantitativos que representam segundo Appolinário (2004) constitui uma modalidade de pesquisa na qual as variáveis são mensuradas, expressas numericamente e são analisadas de modo preponderante por métodos estatísticos. Apesar de dificilmente uma pesquisa quantitativa excluir o interesse no aprofundamento de questões mais complexas, diante das problemáticas que persistem no campo de saúde mental dos docentes como o agravamento dos diagnósticos de Síndrome de Burnout (Ribeiro et al, 2022), transtornos mentais como ansiedade e depressão (Ferreira Costa, Pedro Costa, 2019) faz-se necessário refletir sobre possíveis estudos que possuam um processo de pesquisa também imbricado em intervenções psicossociais com base no diálogo e metodologias ativas.

Os estudos identificados podem ser categorizados em 2 grandes grupos a saber: Transtornos mentais proveniente do trabalho docente e Violência no contexto escolar. A

análise mostra um aumento de publicações que destacam a Síndrome de Burnout como um indicativo do aumento do estresse na experiência docente, além de demonstrar alto índice de esgotamento profissional (Simões, Cardoso, 2022). Esses dados constatarem uma associação direta entre o contexto de trabalho e as intersecções na saúde mental desses profissionais .

Buscando-se o panorama geral das pesquisas referentes a saúde mental dos docentes no contexto do ensino fundamental, há uma prevalência de estudos realizados na Rede Pública de ensino (Coelho, 2021; Ferreira-Costa; Pedro-Silva, 2019; Ribeiro, 2022; Simões; Cardoso, 2022; Santos; Espinosa; Marcon, 2020). Nesta demarcação das redes de ensino, observa-se as disparidades existentes entre a experiência profissional em escolas públicas e privadas no que diz respeito à carga horária, autonomia, utilização de ferramentas para a prática e acesso a recursos tecnológicos mínimos, a exemplo do acesso à internet durante a pandemia (Gomes; Costa, 2020). Embora o momento histórico da pandemia tenha ressaltado as diferenças sociais no que se refere ao acesso aos recursos tecnológicos, não podemos ignorar que a desigualdade social e econômica há muito tempo afeta tanto o ensino público quanto o privado.

A escola não deve ser um local imparcial ou alheio às mudanças econômicas, políticas e organizacionais que frequentemente alteram lógicas instituídas historicamente sobre os espaços que transitamos. Para Freire (2006) a escola deve ser um espaço capaz de compreender os desafios do seu tempo, comprometida com os problemas sociais que estão imersos na realidade. Nesse sentido, juntamente com os dados de pesquisa, estudos como esse servem como sinalizações para questões sociais emergentes que aqui chamamos de urgências. Urgências também sinalizam necessidade de resoluções. Para tanto é preciso que compreendamos o que as categorias construídas a partir dos estudos encontrados nas bases de dados de 2018-2023 estão nos sinalizando.

Transtornos Mentais e Trabalho docente:

O aumento dos diagnósticos de Transtornos Mentais é uma discussão atual e multifatorial. Alguns estudiosos como Marrtinhalgo e Caponi (2019) tentam estabelecer uma relação entre esse aumento paralelamente com a disseminação da utilização do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que corresponde a uma exposição detalhada de comportamentos ditos desviantes diante do ideal de normalidade que se opera na atual conjuntura. Comportamentos desviantes estes que indicam um desequilíbrio e inadequação para realizar determinadas tarefas O aumento de diagnósticos contribui também para que novas pautas surjam no campo da saúde, como por exemplo, a necessidade de

questionar e buscar compreender quais as gêneses de determinadas patologias e em quais contextos elas estão sendo inseridas e identificadas.

Tomando como base o caráter contextual dos Transtornos Mentais em discussão, podemos pressupor que atualmente o Trabalho Docente tem sido produtor de sofrimento psíquico, uma vez que as patologias encontradas são derivadas, em grande escala, das atividades que são realizadas no espaço laboral dos professores e professoras atuantes. Além disso, podemos destacar a própria noção de trabalho docente, uma atividade resultante do prolongamento de atividades realizadas no lar, o que historicamente se torna um indicativo de atividades que requerem menor qualificação e menor valor que outros trabalhos (Borges, 2020). Ao considerarmos esses diagnósticos como complexos e multifatoriais, estamos abordando aspectos que necessitam ser reexaminados e expandidos a partir de perspectivas que vão além das exigências biológicas e psicológicas, buscando assim reduzir as divisões.

No estudo realizado por Ribeiro et al (2022), ao discorrer a Síndrome de Burnout como um agravante da saúde mental que se mantém em escalada nos últimos anos, observa-se como fatores significativos a cor da pele dos professores, situação conjugal e nível de escolaridade. No presente estudo, destacam-se dados que valem a pena serem ressaltados: foi identificado que em professores negros o nível de burnout era menor, com a média de valor de 64,0 na escala de Burnout, o que representa baixo score. No entanto, há que se destacar que dentro de uma amostra de 200 professores, apenas 5 eram autodeclarados negros, o que indica a possibilidade de realização com amostras mais equiparadas no que diz respeito a diversificação de variáveis como a raça.

Ainda nesse estudo, identificou-se que as pessoas casadas apresentavam baixo score na escala, um contraponto importante ao tratarmos sobre questões de gênero, por exemplo. Entre os docentes 77,5% da amostra corresponde ao sexo feminino, o que representa dentro do processo cultural histórico brasileiro, um fator de tensionamento, já que quando falamos do contexto de trabalho, sobretudo na docência, é um processo que se dá concomitantemente com a feminização da função de professores (Araújo et al, 2006). Nesse sentido, apresenta-se uma variável suscetível a maiores questionamentos no que diz respeito as possíveis modificações no exercício dessa profissão, ou até mesmo o contexto social em que os participantes da amostra estão inseridos, contribuindo para o aumento na criticidade quando discutimos sobre intersecções de variáveis.

No que tange a contextualização e diagnóstico situacional do espaço em que os docentes estão imersos, Machado e Limongi (2019) analisam os fatores psicossociais que estão inerentes ao próprio trabalho docente. Reiteram que o agravamento dos Transtornos

Mentais estão associados à falta de investimento e ações mais efetivas em programas de promoção à saúde mental e reabilitação dos trabalhadores. Questões como a falta de autonomia, vínculo efetivo, seguridade financeira aparecem como pontos importantes para pensar questões de aumento de estresse, insônia e esgotamento físico e mental. Quer dizer, as causas atreladas ao adoecimento psíquico podem ser provenientes, em grande parte, de precarizações e limitações institucionais e políticas no espaço laboral.

Se a busca é também por possibilidades de atuação de acordo com a demanda identificada, há que se atentar para o baixo número de intervenções no campo da saúde mental verificadas no período em análise. Dalcin e Carlotto (2018) realizaram uma avaliação referente a intervenções realizadas sobre o Burnout a nível de conhecimento da Síndrome, formas de identificação e prevenção em que identificaram resultados positivos por meio da troca de vivências entre os docentes. Com o objetivo comum de construir espaços de partilha e cuidado, Coelho (2021) reafirma a importância de realizar Rodas de Conversa com foco na promoção da saúde dos professores durante a pandemia. Essas rodas de conversa têm sido fundamentais para compartilhar experiências com o ensino remoto e valorizar o trabalho dos docentes. Assim como o referido autor, outros especialistas ressaltam a relevância de atividades como essas para cuidar da saúde mental dos professores, mesmo em contextos diferentes.

O Ensino Remoto aparece como um elemento importante na mudança significativa do modo de trabalhar de muitos profissionais. Conforme evidencia Gomes e Costa (2020), a Pandemia do Covid-19 intensificou as disparidades no campo educacional, sobretudo nas condições de trabalho que as (os) professoras (es) estavam inseridas (os). Em pesquisa realizada por Silvestre, Silva e Figueiredo (2023) foi possível identificar que o aumento da carga horária de trabalho, juntamente com a dificuldade de acesso a materiais técnicos para realização das aulas são geradoras de sofrimento. A dificuldade de manejo com as ferramentas tecnológicas também contribuíram para uma autopercepção negativa sobre a condição do profissional em realizar o trabalho. Assim, o sentimento de incapacidade diante dessa situação tem gerado situações de adoecimento para esses docentes que precisam se haver com essas novas formas de material para trabalho.

Nos últimos anos percebe-se que a intensificação das demandas para o trabalho docente resultaram em altos níveis de estresse, sintomatologias como a insônia, os diagnósticos de transtornos mentais e aumentos nos níveis de ansiedade e depressão. Mediante a exposição dos fatores elencados, os trabalhos discutidos demonstram que as condições de trabalho e falta de intervenções no cuidado em saúde aparecem como fator

preponderante nas causas do adoecimento mental em docentes. Melhor dizendo, a categoria nos convoca a reflexão sobre como essa discussão está situada por exemplo, no contexto político e na construção de projetos que considerem o campo educacional não apenas como um produtor de conhecimento, mas também como um espaço com atores sociais que demandam atenção e garantia de direitos, como por exemplo o cuidado em saúde mental.

Violência Escolar e Saúde Mental de docentes

Outro aspecto em destaque nos estudos encontrados, diz respeito ao fenômeno da violência no ambiente escolar. Simões e Cardoso (2022) realizaram uma pesquisa que buscou compreender as possíveis relações entre esgotamento emocional e elementos do contexto ocupacional. Os resultados indicaram que os professores que apresentaram esgotamento mental grave relataram ter sofrido agressão na escola no último ano. Destacaram ainda, que ausência de apoio institucional no que se refere a possibilidade de mediação de conflitos, esses profissionais tendem ao desânimo e a depressão, pois não encontram meios para elaborar seus sentimentos.

O contexto apresentado nos possibilita levantar algumas questões: o que tem motivado esse tipo de violência contra os docentes nesse ambiente? Quais tipos de relação podemos estabelecer entre o papel social do professor atualmente e essas violências? São reflexões que podem partir das novas dinâmicas escolares e processos de transição no âmbito da educação que cercam fenômenos como esses que por vezes são individualizados. Em cenários como esse o sentimento de desvalorização, solidão e processo de adoecimento mental são comuns e podem gerar, inclusive, afastamentos do trabalho (De Souza, 2012). Nesse sentido, a violência contra os professores pode ser interpretada como uma consequência da forma como as relações entre professores e alunos são retratadas na sociedade.

A possibilidade de aprofundamento em discussões como essa permitem investigar como essas violências tem reverberado de modo também quantitativo em quadros de adoecimento. Nessa perspectiva, Ribeiro et al (2022) buscam identificar qual a associação da violência escolar com a síndrome de Burnout em professores de diferentes níveis de ensino, em que obteve-se como resultado o aumento das frequências nos níveis de exaustão mental e despersonalização em profissionais que foram vítimas de gozação ou violência física de alunos. Cenas de violência nesses ambientes tem se repetido na atualidade, a exemplo do caso noticiado em Setembro de 2023, em que os alunos do Ensino Fundamental de uma escola localizada no Rio de Janeiro se reuniram para agredir uma professora para cumprir um desafio proposto na internet de “dar bofetada no professor da turma”.

Ainda que as condições de trabalho apareçam como fator determinante para o aumento dos níveis de estresse e os demais tipos de adoecimento mental, é preciso que elas sejam detalhadas a fim de ampliar nossa percepção sobre como essas condições estão dispostas. Pode-se estar falando de questões estruturais, sobre a falta de fiscalização na carga horária de trabalho, mas também pode-se estar falando de profissionais que atuam em contexto de vulnerabilidade e por falta de assistência e acesso dos direitos básicos da população, podem estar suscetíveis a situações de diversas violências, como salientam Melanda et al (2018).

O cenário de violência que se coloca no ambiente escolar levanta pautas que podem estar relacionadas também com a figura de autoridade que está associada aos professores. O que ele representa hoje dentro de uma sala de aula? Esse tipo de realidade coloca a prova até mesmo a possibilidade de um ensino libertador, pois os profissionais precisam lançar mão, por muitas vezes, de atitudes autoritárias a fim de manter uma “ordem geral” (Oliveira e Martins, 2007). Assim, no lugar em que se identificaram alunos, na relação de ensino e aprendizagem, forjam-se novos papéis de agredido e agressor, modificando social e subjetivamente as relações que se dão dentro da sala de aula.

No recente livro publicado pela Fiocruz (2023) que aborda os efeitos da violência escolar sobre os professores, os autores e autoras destacam um aspecto crucial: a saúde mental dos profissionais da educação. Para estes, o desconforto sentido pelos docentes se intensifica em ambientes permeados pela violência tendo como consequência: aumento do uso de psicotrópicos, frustração, manifestações de desamparo e até mesmo “sensação de enlouquecimento”. Pensando em estratégias para essa problemática social reiteram a necessidade de políticas educacionais voltadas para diminuição das disparidades e desigualdades que se apresentam no contexto escolar que tem afetado diretamente a qualidade de vida e saúde do docente.

Há, de fato, valorização da Educação sem a criação de espaços para partilha de vivência entre os docentes? Estudar sobre temas como esses é de suma importância para criação de espaços de escuta, possibilidade de criação de estratégias de enfrentamento das (os) profissionais, ampliação na compreensão sobre categorias de trabalho, reforço no diálogo entre saúde e educação e ampliação do campo de significações dos fenômenos sociais que estão cotidianamente em transformações, como é o caso da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lecionar, ensinar e educar são verbos que sempre permearam a realidade do trabalho docente. Criar espaços de facilitação para que o ambiente escolar tivesse o seu caráter

emancipatório e transformador sempre foi uma tarefa atribuída aos profissionais que estavam na linha de frente desse processo educativo: professoras e professores. No entanto, as modificações nos âmbitos políticos, econômicos e sociais começaram a sinalizar novas formas de exercício desse fazer, novas exigências, reverberando também em novas formas de existências e adoecimentos.

As pesquisas encontradas na revisão sistemática demonstram no geral, um panorama de pesquisas que delineiam as problemáticas que estão caracterizando o contexto da saúde mental dos professores do Ensino Fundamental com expressão de números, caracterização sociodemográfica e aplicação de escalas. No entanto, foram verificadas apenas 2 pesquisas que relataram sobre possibilidades de intervenção mediante a situação de adoecimento mental, por exemplo. Nesse sentido, faz -se necessário questionar quais são as limitações que se colocam para que, diante de um campo que apresenta uma série de urgências, estejam essas intervenções em baixo número, apresentando possibilidades de cuidados e criação de espaços de compartilhamento e construção de políticas que assegurem esse direito.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Maria de et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1117-1129, 2006.

ASSIS, Simone Gonçalves de et al. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Editora Fiocruz, 2023.

BAPTISTA, C.R. **Política pública, Educação Especial e escolarização no Brasil. Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019.

COELHO, Elenise et al. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. **PSI UNISC**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2021.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, p. 141-150, 2018.

DA SILVA BARROS, Carlos Antonio Ferreira; GRADELA, Adriana. CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: OS PRINCIPAIS FATORES DETERMINANTES PARA O AFASTAMENTO DA ATIVIDADE DOCENTE. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 7, n. 13, 2017.

DE SOUZA, Kátia Ovídia José. Violência em escolas públicas e a promoção da saúde: relatos e diálogos com alunos e professores. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 25, n. 1, p. 71-79, 2012.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, v. 30, p. e20160143, 2019.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1° Enfant, p. 1-11, 2005.

MACHADO, Luciana Cristina; LIMONGI, Jean Ezequiel. Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 17, n. 3, p. 325-334, 2019.

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, p. e290213, 2019.

MELANDA, Francine Nesello et al. Violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00079017, 2018.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 90-98, 2007.

PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *International journal of surgery*, v. 88, p. 105906, 2021.

RIBEIRO, Beatriz et al. Síndrome de Burnout em uma amostra de professores brasileiros. 2022.

SILVESTRE, Bruno Modesto; FIGUEIREDO FILHO, Carolina Barbosa Gomes; SILVA, Dirceu Santos. Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. e280054, 2023.

SIMÕES, Elaine Cristina; CARDOSO, Maria Regina Alves. Violência contra professores da rede pública e esgotamento profissional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 1039-1048, 2022.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Editores Vocês, 2013.

TEIXEIRA, Larissa. 66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-japrecisara-m-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em: 15 de out de 2023.